

DOCENTES FEDERAIS RESPONDEM À PROPOSTA DO GOVERNO



DOCENTES FEDERAIS RESPONDEM À PROPOSTA DO GOVERNO SOBRE CARREIRA



O Setor das Instituições Federais de Ensino (Setor das Ifes) do ANDES-SN se reuniu durante o final de semana (28 e 29/11) em Brasília (DF) e, a partir das discussões realizadas em assembleias gerais pela base da categoria, respondeu à proposta de negociação apresentada pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (Mpog) no dia 18. Os docentes federais aceitaram alguns itens da proposta e fizeram contrapropostas em outros, demonstrando disposição em negociar.

Sobre o índice de reajuste das tabelas salariais, o ANDES-SN fez uma contraproposta que impede o achatamento da carreira e a corrosão salarial em decorrência da inflação: 19,7% em duas parcelas, uma em janeiro de 2016 e outra em janeiro de 2017. Os docentes federais aceitaram as propostas relativas a benefícios, assim como a correção do problema que está ocorrendo com a progressão e promoção na carreira quando o professor atinge o prazo do interstício, impedindo efeitos financeiros e funcionais. O ANDES-SN ainda reivindica, na contraproposta, o reenquadramento dos professores aposentados - resguardada a equivalência em relação ao topo da estrutura da carreira em vigor na data da sua aposentadoria.

A proposta do Mpog repete alguns pontos de propostas anteriores, e também traz novos elementos. Entre eles, Paulo Rizzo, presidente do ANDES-SN, cita a harmonização da estrutura salarial das carreiras. Para ele, o governo procura impor, assim como em 2012, um projeto que ataca a carreira docente, além de propor que somente em 2019 a proposta será implantada. “Nossa avaliação é de que a harmonização proposta pelo governo cristaliza a desestruturação instituída em 2012. Não aceitamos porque não contempla nossa pauta de negociação. Propusemos que haja um espaço para continuar negociando esse tema em 2016”, diz o docente.

O presidente do ANDES-SN afirma que o reconhecimento, por parte do governo, da necessidade de harmonizar a carreira é uma vitória do movimento. Porém, os aparentes avanços na “harmonia” indicada na proposta manipulam conceitos gerais para preservar a desestruturação real da carreira. A avaliação da base dos docentes federais é de que a proposta do governo para a carreira traria dois grandes prejuízos à categoria. O primeiro é a desvalorização do regime de dedicação exclusiva, e o segundo é a manutenção da diferença entre Adjunto IV e Associado I – e entre D III 4 e D IV 1 na carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT).

Na resposta dos docentes, entregue ao Mpog na segunda-feira (30), há também a contraproposta de criar um comitê provisório para elaborar proposta de reestruturação da carreira, tendo como referência os termos do acordo firmado entre o ANDES-SN e a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (Sesu-MEC) em abril de 2014, visando efeitos a partir de janeiro de 2017.

De acordo com Paulo Rizzo, a reunião do Setor das Ifes avaliou que, se o governo está disposto a negociar, deve atender à reivindicação do Sindicato Nacional para discutir, em 2016, as propostas de reestruturação da carreira - para implantação em 2017. “Não há motivos para o governo enviar qualquer projeto de carreira agora em dezembro, pois na proposta enviada pelo Mpog, a implantação da carreira proposta pelo governo só ocorreria a partir de 2017”, ressalta Rizzo.

Na resposta dos docentes ao Mpog há ainda a reivindicação de uma nova reunião para negociar os pontos aos quais o ANDES-SN apresentou contrapropostas. “Se o governo tem disposição de negociar, ele vai nos chamar para a reunião. Esperamos que haja negociação e não uma imposição de propostas”, diz Paulo Rizzo. O presidente do ANDES-SN lembra também que a proposta do Mpog trata apenas sobre dois itens da pauta, ignorando os demais itens da pauta da greve dos docentes federais.

Outros encaminhamentos

O Setor das Ifes do ANDES-SN também discutiu as campanhas dos docentes federais contra os projetos que atacam o caráter público da educação. Dois Projetos de Lei (PL) e uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) estão no centro das críticas dos docentes federais.

O PLC 77/2015 visa ampliar a consolidação das Parcerias Público-Privadas na área de Ciência e Tecnologia. O fundo público pode ser investido diretamente em empresas nacionais e estrangeiras que realizem atividades de pesquisa e desenvolvimento em atividades de pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Já o PL 4643/12 possibilita investimentos da iniciativa privada, de pessoa física e jurídica, nas instituições federais de ensino públicas. Por fim, a PEC 395/14 permitirá a cobrança de taxas para os cursos de extensão, especialização e mestrado profissional, pondo fim ao princípio constitucional da gratuidade da educação nas instituições públicas.

Há, ainda, a Lei 13.183/2015, que faz com a adesão dos Servidores Públicos Federais (SPF) ao Funpresp, fundo de pensão privado que não garante retorno financeiro aos trabalhadores, seja automática.

O Setor das Ifes deliberou pela realização de uma Semana de Lutas contra o PLC 77/15, entre 1 e 4 de dezembro, abordando senadores nos aeroportos e os visitando em seus gabinetes para que votem contra o projeto. Também, que seções sindicais realizem audiência pública e ou debate público com os parlamentares federais em seus estados sobre a PEC 395/2014, PLC 77/15 e PL 4643/12, e intensificar a Campanha Nacional contra o Funpresp - esclarecendo aos docentes sobre a Instrução Normativa nº 9.

ASSEMBLEIA DISCUTE PROPOSTA DO GOVERNO



Os docentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) se reuniram em assembleia na quinta-feira passada (26). A assembleia foi chamada para que fosse discutida a proposta que o governo encaminhou ao Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES-SN). Além da proposta, também estava em pauta a prestação de contas e a redistribuição de cargos na diretoria da APUR.

Sobre a proposta do governo, ele manteve o reajuste salarial de 10,8% em dois anos (5,5%, em agosto de 2016, e, adicionalmente, em 5,0%, em janeiro de 2017), os reajustes de benefícios também já anunciados anteriormente, e acrescentou proposição no ponto Reestruturação de carreiras (o ofício com a proposta completa já foi disponibilizado no site da APUR).

Na visão do professor Tarcísio Cordeiro, o que o governo propõe para a reestruturação da carreira não é ruim, mas os percentuais são insuficientes e distantes do que já foi apresentado no passado. No entanto, está claro que, mais uma vez, o PROIFS vai assinar, enquanto que o ANDES-SN vai rejeitar. “A gente tem que ter é uma maturidade de que deixar a carreira desestruturada é algo que nos fragiliza”, ponderou o professor.

Os docentes entendem e dão razão ao ANDES-SN sobre os números apresentados pelo governo estarem aquém do que já foi, todavia a crítica que se faz é ao fato de o ANDES-SN ter feito uma greve e, mais uma vez, quem acaba saindo como protagonista é o PROIFS, assinando o acordo com o governo. Para o presidente da APUR, Antonio Eduardo Oliveira, a questão não é fazer ou não um acordo, já que ele será assinado por

um dos sindicatos. “A estratégia nem é de fato do PROIFS, é do governo, que fez uma proposta num pior momento. O PROIFS quer dizer que assinou o acordo, que bom ou ruim tem ganhos”, afirmou o presidente da APUR.

Ainda segundo o professor Antonio Eduardo, é necessário que o ANDES-SN também entre nas negociações sobre os percentuais apontados no ponto sobre a reestruturação da carreira. É papel da categoria docente tensionar o sindicato nesse quesito. “Fazemos greve, e o pelego assina com o governo. Nós fizemos a greve e não podemos deixar que façam o que quiser. Temos que manter nossa coerência, mesmo não sendo o fator decisivo do jogo”, finalizou Antonio Eduardo.

Ao final da discussão, a assembleia manteve a decisão da assembleia anterior relativa ao aceite do índice e período do reajuste salarial, e no que se refere à reestruturação da carreira e os demais aspectos funcionais, a assembleia delega ao ANDES-SN a negociação conforme os estudos feitos pelo sindicato. O professor Antonio Eduardo irá representar a APUR na reunião do ANDES-SN, que ocorrerá neste fim de semana.

Sobre os demais pontos de pauta, a documentação da prestação de contas da gestão anterior da APUR foi acolhida, e depois será encaminhada para o Conselho Fiscal. A assembleia também votou sobre a redistribuição de cargos na diretoria da associação. A professora Alessandra Caiafa, impossibilitada de continuar no posto de tesoureira, pediu um remanejamento. Sendo assim, o posto agora será ocupado pela professora Gleide Sacramento, que era suplente de secretário, posto que será ocupado por Alessandra.

MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA DO COMANDO LOCAL DE GREVE DA UFRB (2015)

HISTÓRICO	CRÉDITOS	DÉBITOS
RECEITAS		
Resgate de aplicações financeiras (Fundo de Greve)	23.355,58	
CONTRIBUIÇÕES SINDICAIS		
Fundo Nacional de Greve (ANDES)		1.600,00
COMUNICAÇÃO E IMPRENSA		
Divulgação em mídia comercial		2.000,00
Material gráfico		4.008,00
ATIVIDADES POLÍTICAS E SINDICAIS		
Despesas com translados		9.106,69
Organização, mobilização e formação sindical		1.727,01
TOTAL	23.355,58	18.441,70
RESUMO FINANCEIRO		
TOTAL DE RECEITAS	23.355,58	
TOTAL DE DESPESAS		18.441,70
SALDO		4.913,88

OBSERVAÇÕES:

- 1) A direção da APUR realizou aplicação financeira no valor de R\$ 5.000,00 correspondente ao saldo final dos recursos.
- 2) O ANDES-SN cobriu os gastos com passagens aéreas, hospedagens e diárias dos delegados que atuaram no CNG.
- 3) Foram confeccionadas 112 camisetas com os dizeres "Docentes da UFRB em greve", sendo os custos assumidos pelos docentes.

A GREVE DOCENTE E A LUTA POR UM ANDES CONSTRUÍDO PELA BASE

A greve dos docentes das universidades brasileiras teve como motivação principal a luta contra a política de ajuste fiscal e, em especial, os cortes de verbas para educação, que atingiram fortemente os orçamentos das universidades públicas federais. As condições de negociações em torno da carreira docente e da reversão dos cortes foram extremamente difíceis, com o governo jogando claramente para evitar uma negociação efetiva. Além disso, é importante ressaltar que a crise política do governo Dilma, com a pressão política oriunda das tentativas golpistas da direita, foi mais um fator que aumentou as incertezas da greve.

De qualquer forma, a construção da greve tem sido um aspecto importante para um posicionamento político de oposição aos cortes e em defesa da universidade pública. Cabe sublinhar neste balanço provisório, que a condução da greve nacional da categoria em um cenário complexo - como brevemente apontado - é, sem dúvida, algo extremamente difícil, e exigiria das direções sindicais uma política de luta, mas também de grande precisão. Num cenário de extrema dificuldade política, com o governo em crise, que em nenhum momento se predispôs a uma negociação efetiva, um acerto importante do movimento docente foi a construção da unidade do Fórum das entidades sindicais do serviço público, mesmo sob o fogo cerrado das tentativas do governo em dividi-lo (o que acabou efetivamente acontecendo nas negociações em separados) representou uma importante conquista para as lutas que virão.

Uma conclusão preliminar da greve é a importância da construção de uma nova direção para o movimento docente; uma condição subjetiva, mas essencial, para preparar as lutas necessárias para o próximo período. As greves de 2012 e 2015 demonstraram que não podemos fugir dessa questão, sob a pena de sermos constantemente derrotados. Dessa perspectiva, a crise do movimento docente, que já se manifestou na greve de 2012 (com o papel divisionista e pró-governo do Proifex e o ultraesquerdista do Andes) representou um componente negativo num cenário político ainda mais complicado do que há três anos.

A política da direção do Andes precisa ser caracterizada como centrista, ou seja, fica no meio do caminho, assim, ao mesmo tempo em que teve um acerto importante quando apostou na construção da unidade do Fórum das entidades sindicais do serviço público,

mesmo sob o fogo cerrado das 32 tentativas do governo em dividi-lo (o que acabou efetivamente acontecendo nas negociações em separados), por outro lado, adotou alegremente a política da CSP-Conlutas. Assim, no momento crucial da greve, quando a maioria das entidades do serviço público jogava todas as fichas nas mobilizações e negociações em Brasília, a diretoria do Andes, seguindo a CSP-Conlutas, decidiu abandonar a campanha salarial para participar da aventura divisionista (...) do dia 18 de setembro (ato pelo Basta/Chega Dilma em oposição ato da CUT/MST/MTST do dia 20 de agosto).

A Direção do ANDES apresentou como norma na greve uma mensagem triunfalista que não corresponde ao processo de negociações nem aos impactos reais do movimento. A falta de sintonia com as bases, e o estilo predominante de demonstrar que havia avanços, quando qualquer um poderia ver as dificuldades, foram fatores decisivos para amplificar as dificuldades que já eram muitas. O efeito prático dessa política era exatamente o contrário do que se pretendia, assim, a falta de adesão de importantes universidades ao movimento grevista, em especial na região sul e sudeste, era mascarado com um quadro de greve com muitas seções sindicais de uma mesma universidade, mas não se explicava por que a base tradicional do Andes (inclusive com diretores do sindicato) não entrara em greve ou mesmo entrara muito tempo depois e em alguns casos, saíram logo.

A explicação adotada, apresentada informalmente, era que os professores da reitoria, os governistas, os docentes produtivistas não queriam lutar, ou seja, uma explicação sociológica de segunda categoria para isentar a diretoria do Andes da sua responsabilidade política. Uma conclusão preliminar da greve é a importância da construção de uma nova direção do movimento docente, uma condição subjetiva, mas essencial para preparar as lutas necessárias para o próximo período. As greves de 2012 e 2015 demonstraram que não podemos fugir dessa questão, sob a pena de sermos constantemente derrotados.

Contribuição da Diretoria da APUR para o Caderno de Textos do 35º Congresso do ANDES-SN. O Caderno completo está disponível em: <http://portal.andes.org.br/imprensa/noticias/imp-ult-165540713.pdf>.

ABERTURA DO V SEMINÁRIO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS DISCUTE VIOLÊNCIA E RACISMO



Está acontecendo o V Seminário da Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A abertura ocorreu nessa quarta-feira (2), com a conferência “Violência, controle do crime e racismo no Brasil contemporâneo: como é arcaica a modernidade”, ministrada pela professora Jacqueline Sinhoretto (UFSCar), que trabalha com pesquisa na área de violência e relações raciais desde 2013.

Jacqueline Sinhoretto iniciou colocando que nenhuma polícia do Brasil tem indicadores sobre quem são as pessoas que eles param, ainda assim, o número de pessoas abordadas pelos policiais conta como produtividade, ou seja, se a polícia aborda muita gente ela está fazendo muito bem seu trabalho. Diante da falta de dados, a professora e seu grupo de pesquisa usaram a estratégia de olhar quem são os presos em flagrantes. “Aí a gente pode observar, porque nos boletins de ocorrência vai aparecer a informação por raça de quem foi preso, que havia um predomínio (nos estados pesquisados, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro) de prisão em flagrante de pessoas negras”, afirmou a professora.

Segundo Sinhoretto, outro indicador que se podia coletar facilmente a informação por raça era o número de pessoas que são mortas pela polícia. Na análise dos dados de mortalidade policial foi possível constatar que a polícia de São Paulo mata três vezes mais pessoas negras do que pessoas brancas; no Rio de Janeiro o número é de 4 pessoas negras mortas pela polícia para cada pessoa branca morta pela polícia. Em Minas Gerais, o número é duas vezes pessoas negras mortas para cada pessoa branca. “A gente pôde concluir que quanto mais a polícia mata, mais ela vai matar pessoas negras”, disse Sinhoretto.

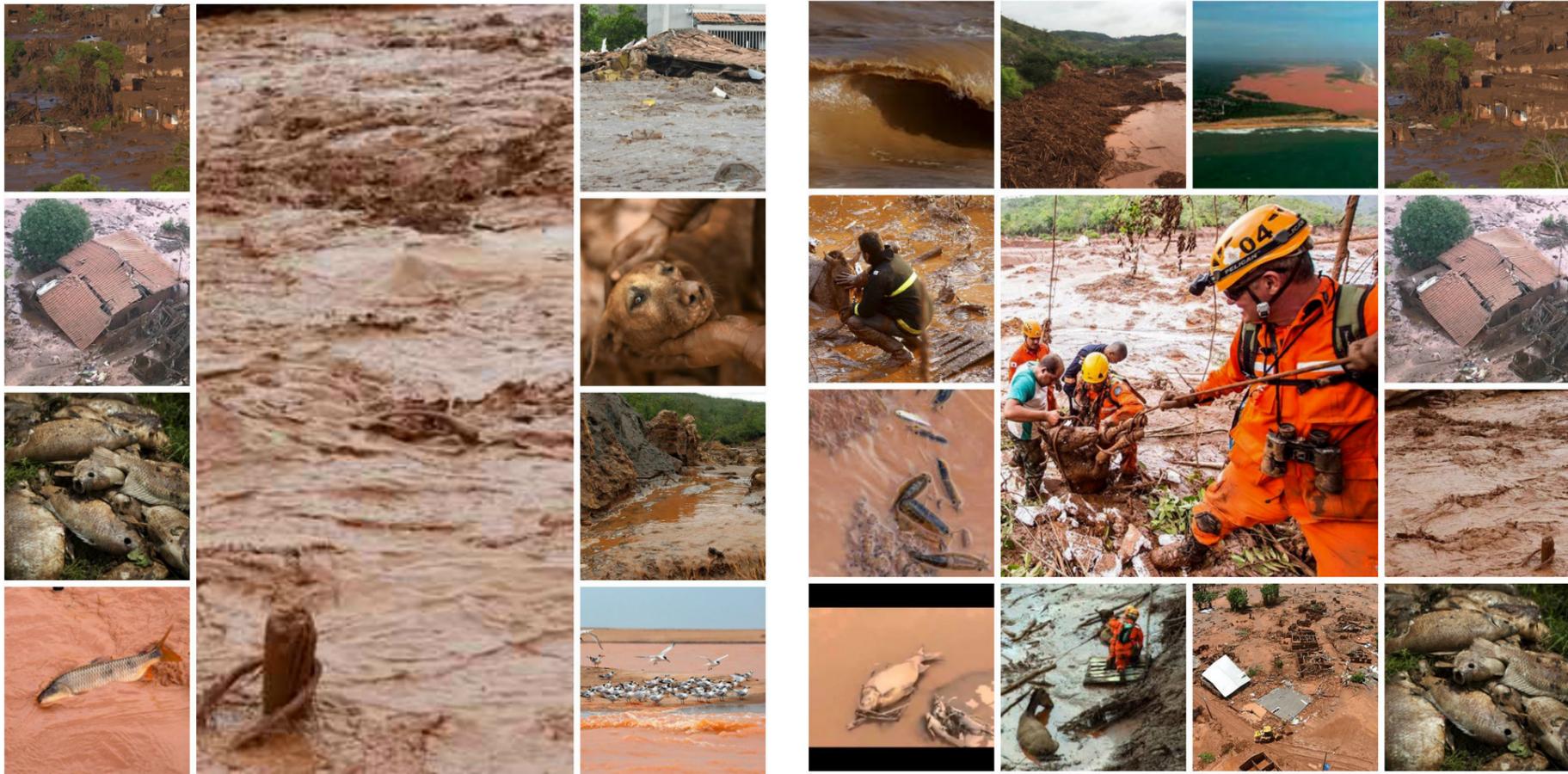
A pesquisa que a professora Jacqueline Sinhoretto tem realizado junto a seu grupo também concluiu que o campo da segurança pública é um dos campos aonde a desigualdade racial se manifesta de uma forma contundente, e que esta desigualdade

racial está crescendo: “O número de pessoas assinadas no Brasil vem caindo, mas se a gente separar a população negra e a população branca para fazer a análise, a gente vai ver que na população branca o número homicídios cai mais, e que na população negra esse número é estável ou até um pouco crescente”, explicou Jacqueline Sinhoretto.

O V Seminário da Pós-Graduação em Ciências Sociais vai até a próxima sexta-feira (4), e vai abordar outros temas como Cultura Popular, Festejos e Rituais; Comunicação, Política e Desenvolvimento; Políticas Públicas e Desenvolvimento; Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural; Universidade e Movimentos Sociais: pesquisa engajada e/ou ativista; O papel da Universidade na luta contra o Racismo entre outros.



A ONDA DE LAMA QUE DESTRUIU VIDAS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS



No dia 5 de novembro deste ano, duas barragens da mineradora Samarco se romperam na cidade mineira Mariana. Lama, rejeitos sólidos e água eram o que continha nessas barragens, tudo resultado da mineração na região. Segundo os dados publicados em toda a imprensa (até mesmo a internacional), a lama tóxica, como ficou conhecida a tragédia, atingiu pelo menos 128 casas. O número oficial de mortos é de seis pessoas, e o de desaparecidos 12.

O Rio Gualaxo foi totalmente tomado pelos detritos das barragens, chegando ao município de Barra Longa, que fica a 60 km de Mariana. Segundo as notícias publicadas, seis localidades do município de Mariana foram atingidas, além de Bento Rodrigues. Conforme os especialistas que se debruçaram sobre a tragédia, a lama que desce pelo Rio Doce chegará a atingir uma área de mais ou menos 10 mil quilômetros quadrados no litoral capixaba – área equivalente a mais de seis vezes o tamanho da cidade de São Paulo.

Muito se tem questionado sobre os responsáveis pela tragédia. A mineradora responsável pelas barragens, a Samarco, talvez numa tentativa de se eximir de culpas, afirmou ter registrado dois pequenos tremores na área duas horas antes dos rompimentos das barragens. Verdade ou não, em 16 de novembro, a empresa fez um acordo com o

Ministério Público, concordando em pagar R\$1 bilhão para compensar os danos materiais e ambientais. A justiça ainda determinou que fossem bloqueados R\$300 milhões da Samarco para os ressarcimentos.

O fato é que, ainda que a empresa seja obrigada a pagar uma quantia ainda maior, os danos causados por essa tragédia dificilmente serão apagados. Os especialistas dizem ser difícil a região se recuperar depois do ocorrido. Segundo eles, pode levar séculos para o ambiente se recuperar. Nas palavras da ministra do Meio Ambiente, Izabella Teixeira, o processo de recuperação do Rio Doce pode levar “pelo menos uma década”. A lama que invadiu Minas Gerais e Espírito Santo dificulta o crescimento de matéria orgânica. Assoreamento, o acúmulo de sedimentos na calha do Rio, é apenas uma das muitas consequências causadas pela lama. O Ibama já informou que ocorreram mudanças nos padrões de qualidade da água, o que causa a morte de animais terrestres e aquáticos por asfixia.

Dados, números, estatísticas etc; nada disso poderá de fato medir os estragos e as marcas deixadas pela tragédia (que muitos afirmam não ter sido um acidente). Só quem vive nas localidades atingidas pode saber a dor de ver sua casa, sua terra, sua gente sendo destruída, seja fisicamente, psicologicamente, sentimentalmente ou financeiramente pela lama tóxica.

MEMÓRIAS POLÍTICO AFETIVAS SOBRE RIO/MAR: OS EFEITOS DA LAMA

Quem é do mar não enjoa, mas entristece...

Por Vanessa Maia*

Quem é do mar não enjoa, diz a frase. Mas sofre. Sabe, não há nada como viver a dor que o outro viveu. Pensando em toda essa tragédia em Mariana, me compadeci, solidarizei, me revolttei, gritei. Tentei me indignar (e de fato, o fiz) junto aos meus amigos mineiros que foram criados tendo o rio como o lugar seguro, a lembrança da infância, o lugar da beleza e do conforto.

Ontem, hoje, amanhã e provavelmente durante muito tempo, vi/verei as imagens da lama chegando no mar. Ali, além de todos os sentimentos anteriores, eu me entristeci. O mar sempre fez parte de minha vida. Sou filha de um português, povo que ganhou mares do mundo, que se criou em Madureira e que ia à praia todos os finais de semana. Já casado, continuou indo ao mar com seus quatro filhos: lanches, laranjas e muita disposição. A ida era de ônibus, não lembro mais da viação. Morávamos em Cariacica, andávamos a pé até a antiga fábrica da Pepsi-Cola para pegarmos apenas um ônibus que nos levaria à Praia da Costa, a praia do meu pai. Ali ele estava em casa e nos fazia estar também. Entrava com a gente no mar, ensinava a não ter medo. Boiava com a gente no colo, fazia buraco na areia. A gente torrava, corria, entrava na água e voltava para casa cansado. Todo domingo era isso. Lembranças da infância, as mais poderosas que alguém pode ter.

Sempre me criei no mar. Lembro uma vez que tive uma doença de tosse que nada sarava. Daí um médico alergista disse pra minha mãe. Dona Teresa, a senhora vai ter que fazer um sacrifício.

Vai ter que acordar essa menina de madrugada, pegar um ônibus e jogar ela na água gelada do mar. Depois enrola no cobertor e trás pra casa.

Em uma semana ela estará boa. E minha mãe assim fez. Minha mãe me jogava na água fria do mar com a confiança de que nele estaria minha cura. E esteve. Nunca mais tosse, nunca mais medo.

Lembro dos meus primeiros meses em Minas Gerais. A saudade do mar. A saudade do barulho, do vento, do cheiro. O mar sempre foi uma linha de força muito grande na minha vida. Me chama pra ir à praia que eu estou sempre pronta. Já entrei de roupa, de jeans, já entrei bêbada, chorando, com medo da vida. O mar sempre me curou. Ver o mar do Espírito Santo hoje, desse jeito, me fez triste. Reunião, trabalho, aula, aluno, tristeza. Sabe, essas coisas a gente não consegue explicar. E hoje, pela primeira vez eu chorei como os mineiros que se criaram à beira do Rio Doce. É como se eu visse perder as lembranças da infância, da adolescência, da vida. Eu gostaria muito de retribuir ao mar tudo o que de bom ele fez em minha vida. Mas eu não posso fazer nada. E é isso que me mata um pouco também porque ele estará sempre - agora doente, triste e chorando - dentro de mim.

**Vanessa Maia Barbosa de Paiva é professora adjunta, pesquisadora e coordenadora do LabTV do curso de Comunicação - Jornalismo - da Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ/MG). Membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSJ.*

Rio doce, pesadelos de lama?

Por Kiki Givigi*

Sou moça do interior. Nasci num bairro cortado pelo Rio Santa Maria, afluente do grande Rio Doce, na cidade de Colatina-ES. O rio era nosso amor, mas também nossa assombração. Queria, quando criança, fazer um balanço às margens do Santa Maria, pois minha escola do antigo primário tinha o rio em seu quintal. Papai dizia intermitente que se caíssemos ali, boiaríamos no Rio Doce. Então vivemos magicamente assombrados e atraídos por estes rios durante toda a infância. Aprendíamos que eles nos davam luz elétrica, lagosta, peixe, beleza, água e força. Éramos aprendizes do respeito ao rio; até porque durante toda a infância vi gente morrendo nele e vivendo dele.

Uma ponte de ferro, trazida da Alemanha, entrecortava (e entrecorta) o Rio Santa Maria e comemorávamos quando a podíamos atravessá-la para ir à venda do Sr Eugênio trazer algo a pedido da mamãe, o que aconteceu só após os 9 anos (pelo menos que pudéssemos divulgar). E o rio corria caudaloso abaixo de nossos pés!

Na enchente de 1979, o rio veio nos visitar! Subíamos as escadas para o terraço de nossa casa com roupas, móveis e muitos irmãos, tudo que pudemos salvar das águas. Crianças que éramos, achávamos até divertido morar no terraço por 15 dias, ver papai ir de barco buscar vacinas, ouvir as histórias lindas de mamãe enquanto cuidava de Cintia, nossa pequena irmã de dois anos e pouco, e nos dava banho numa bacia, jogando a pouca água lá embaixo. A tristeza convertia-se ludicamente numa experiência nos lábios sábios de mamãe e na força orgulhosa de papai.

Até hoje tenho variados sonhos comigo e minha irmã Rosana pulando esta ponte – o que obviamente nunca aconteceu – voando de carro, saltitando: sonhos quase reais do coração! Depois, na adolescência atravessei a grande ponte que liga o centro de Colatina a São Silvano – bairro onde ficava nossa igreja – e, para mim, havia trasposto as duas pontes mais importantes da minha vida (mal sabia eu quantas outras pontes me aguardavam, algumas que nem transpus ainda).

Vi também estes rios secarem, serem assoreados e roubados dos peixes, das iaras e sereias por uma ladra poderosa – A Vale do Rio Doce. Eles foram murchando e trazendo poesias tristes de saudade e som baixo.

O Rio Doce que é alvo de poesia e música e embalou minha infância, hoje é alvo de assassinato, de lavagem de dinheiro, do capitalismo e suas naturais atrocidades (é da natureza do capitalismo que tudo tenha preço). Fico pensando não só quem pagará pelos crimes da barragem de Mariana/Santarém, mas que preço tem estas memórias? Como irei dizer do Rio Doce para meu filho? Quanto custa a história e vida de peixes, tartarugas, camarões, flora, gente, trabalhadorxs e poetas??? Tudo isso virou lama ou notas verdes? Esse crime já teve seu preço? Só nos restam sonhos doces????

**Kiki Givigi é professora adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e Coordena o Grupo de Pesquisa Núcleo Capitu de Gênero, Sexualidade e Diversidade/ CNPq.*

“Lira Itabirana”

(Carlos Drummond de Andrade)

I
O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?

“O maior trem do mundo”

(Carlos Drummond de Andrade)

O maior trem do mundo
Leva minha terra
Para a Alemanha
Leva minha terra
Para o Canadá
Leva minha terra
Para o Japão

O maior trem do mundo
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel
Engatadas geminadas desembestadas
Leva meu tempo, minha infância, minha vida
Triturada em 163 vagões de minério e destruição
O maior trem do mundo
Transporta a coisa mínima do mundo
Meu coração itabirano

Lá vai o trem maior do mundo
Vai serpenteando, vai sumindo
E um dia, eu sei não voltará
Pois nem terra nem coração existem mais